

Ilha e Utopia

A História demonstra que é sobretudo nas épocas de crise espiritual e social que os homens criam utopias e sonham com o milênio. Os tempos de fé e os povos de grandes certezas desconhecem as utopias. Nem na Idade Média nem na Espanha, por exemplo, se encontram autores de obras utópicas. Bastou, porém, que a Idade Média vacilasse em suas certezas para que se multiplicassem as seitas que esperavam a realização de um Reino de Deus na terra. E quando a Idade Média ruiu e a Europa mergulhou nas dúvidas do racionalismo, Thomas Morus redigiu a "Utopia". Quando a Espanha perdeu a fé, surgiu nela o maior partido anarquista da história.

Por que a fé católica não admite nem a utopia nem o milenarismo?

É a Fé que permite ao homem suportar as cruces da vida neste vale de lágrimas. É a fé que dá o verdadeiro sentido de nossa vida, impedindo que o homem se revolte por ter sido exilado do Paraíso. Em sentido oposto, são a falta de fé e a recusa em aceitar a cruz que levam o homem a se rebelar contra as misérias da vida do exílio.

Os racionalistas pretendem eliminar todo o sofrimento do mundo - isto é, banir a cruz - graças à ciência e à técnica. Julgam que o progresso científico permitirá criar um dia uma sociedade sem pobres, sem doenças, sem misérias - quiçá sem morte.

Outros põem sua esperança de retornar à vida paradisíaca em uma intervenção de Deus na História. Julgam, e esperam, que Cristo retornará para impor de modo mágico um reino de felicidade absoluta neste mundo, que duraria mil anos. Seria o milênio. Esquecem-se das palavras de Cristo: "Meu Reino não é deste mundo" (Jo 18,36).

Utópicos e milenaristas recusam-se a aceitar a realidade em que vivemos após a expulsão do Éden. Detestam o aqui e o agora, fugindo, através do sonho, para um mundo irreal.

Essa "fuga" é sempre uma reação contra a impossibilidade em mudar a sociedade real, que acabam identificando com o mal. Para eles, as mudanças possíveis são sempre insuficientes, pois desejam o impossível, como por exemplo, acabar com a morte, com a pobreza. Daí o rancor e o pessimismo que todo utópico e toda seita milenarista nutrem para com a sociedade na qual estão inseridos.

Isolar-se no sonho ou no deserto, fugir da sociedade maldita, são constantes nesses movimentos. Por isso é que existe uma relação entre o espírito utópico e milenarista e a ilha.

Todas as utopias - a de Morus é o exemplo clássico - sonharam com a ilha salvadora que impede a contaminação dos eleitos pelos malefícios da sociedade real.

Na ilha da *Utopia* de Morus, na *Nova Atlântida* de Francis Bacon, no *Shangri-là* de James Hilton, a sociedade sonhada é simetricamente oposta à odiada sociedade concreta.

Se esta é hierárquica, a utopia é igualitária. Se a sociedade viva é imoral, o milênio é de "eleitos" imaculados, seres angelizados. Contra a rigidez das leis, o milênio é libertário. Contra o trabalho árduo, a utopia e o milênio sonham com a fartura ociosa.

Numa época vazia de certezas como a nossa, é natural que surjam por toda a parte sonhos utópicos e esperanças delirantes de reinos milenaristas. A Nicarágua, por exemplo, é a nova embalagem da mofada, enrugada e invendável utopia marxista. A Teologia da Libertação é, na verdade, uma teologia milenarista, que espera levar o povo à "terra prometida" através - entre outras coisas - da Reforma Agrária socialista.

O sonho é tanto mais perigoso, quanto mais ele parece realizável. Utópicos e milenaristas tornam-se mais nocivos quando julgam que, organizados, podem impor a realização de seus delírios. Assim, o sonho milenarista de Hitler trouxe para o mundo a hecatombe da guerra e os horrores dos campos de concentração. E os sonhos utópicos de Marx criaram a tirania e a miséria, estendendo o Gulag soviético desde Havana até o Vietnã.

Porque, como bem observa Karl Popper em *A sociedade aberta e seus inimigos*: "A tentativa de trazer o céu para a terra, invariavelmente produz o inferno".

Publicado no Jornal Veritas nº 8 - abril de 1986 - ano2